

LEONARDO ANTÔNIO GONÇALVES
BARBOSA

**A Invisibilidade dos Catadores de Materiais Recicláveis -
O descaso que apaga e desvaloriza os protagonistas da reciclagem
no Brasil**

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

2021

LEONARDO ANTÔNIO GONÇALVES BARBOSA

**A Invisibilidade dos Catadores de Materiais Recicláveis -
O descaso que apaga e desvaloriza os protagonistas da reciclagem no
Brasil**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Ricardo Duarte Gomes da Silva

Viçosa - MG
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV
2021

RESUMO

Enquanto a sustentabilidade ambiental e reciclagem têm sido assuntos cada vez mais relevantes nos debates políticos e sociais, os catadores de materiais recicláveis permanecem invisibilizados na sociedade e seu trabalho desvalorizado e até marginalizado. Esse fenômeno social não só dificulta a vida dos catadores de materiais como também causa entendimento distorcido sobre o cenário da reciclagem no Brasil, impedindo a evolução do setor. Então esse trabalho traz uma reportagem para tentar expor a questão da invisibilidade, suas origens, os papéis de seus atores no contexto atual, perpassando pelo panorama trazido pela pandemia de covid-19. Para complementar a reportagem, segue uma série de três sucintas biografias de catadores de materiais recicláveis para exibir o lado mais humanizado desses profissionais e os desafios que eles enfrentam ao longo de toda vida.

PALAVRAS-CHAVE

Catadores de materiais recicláveis, reciclagem, sustentabilidade, invisibilidade social, políticas públicas.

ABSTRACT

While environmental sustainability and recycling have been increasingly relevant issues in political and social debates, recyclable material collectors remain invisible in society and their work is undervalued and even marginalized. This social phenomenon not only makes life difficult for material pickers, but also causes a distorted understanding of the recycling scenario in Brazil, preventing the evolution of the sector. So this work brings a report to try to expose the question of invisibility, its origins, the roles of its actors in the current context, going through the panorama brought about by the covid-19 pandemic. To complement the report, a series of three succinct biographies of recyclable material collectors follows to show the more humanized side of these professionals and the challenges they face throughout their lives.

KEY-WORDS

Recyclable material collectors, recycling, sustainability, social invisibility, public policies.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	05
2	METODOLOGIA	06
3	JUSTIFICATIVA	06
3.1	Justificativa Pessoal.....	07
3.2	Justificativa Geral.....	07
4	REFERENCIAL TEÓRICO	07
5	REVISÃO DA LITERATURA	10
5.1	História dos Catadores no Brasil	11
5.2	Descaso no Papel do Catador.....	12
6	PRÉ-PRODUÇÃO	13
6.1	Personagens.....	14
7	PRODUÇÃO	16
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	19

1 Introdução:

A natureza engloba todos os seres vivos e recursos naturais, incluindo a humanidade que depende dela para sua sobrevivência, mas a civilização dá ao homem o poder de mexer com a natureza em escala sempre crescente, para o bem ou para o mal¹. A questão do lixo vem sendo apontada pelos ambientalistas como um dos mais graves problemas ambientais urbanos da atualidade, a ponto de ter-se tornado objeto de proposições técnicas para seu enfrentamento e alvo privilegiado de programas de educação ambiental na escola brasileira (LAYRARGUES, 2002). Segundo o autor Layrargues (2002) o entendimento da necessidade de um gerenciamento integrado dos resíduos sólidos propiciou a formulação da Política ou Pedagogia dos 3R 's, que inspira técnica e pedagogicamente os meios de enfrentamento da questão do lixo. Os 3R 's são: reduzir o consumo de recursos, reutilizar os materiais ao máximo de aproveitamento e reciclar as matérias para que entrem novamente no ciclo de produção.

Dos três métodos, a reciclagem é o único dispositivo que movimenta uma indústria que contribui ativamente para as economias nacional, estadual e municipal. A reciclagem fornece insumos para a indústria, influencia o manejo dos recursos naturais e emprega milhões de pessoas no Brasil e no mundo. No setor mais básico da indústria da reciclagem está o catador de materiais recicláveis. Seja revirando lixões ou puxando pesados carrinhos no meio do trânsito urbano, os catadores são responsáveis por 90% do lixo reciclado no Brasil (IPEA, 2018). Esses profissionais que evitam a disposição de toneladas de resíduos poluidores, economizam milhões de quilowatts de energia e recursos naturais gastos na produção de novos insumos, são invisíveis à sociedade, quando não são menosprezados e vítimas de preconceito.

Em Viçosa-MG, os catadores recolhiam o material nas ruas e no lixão que existia no município até o ano de 2002, colocando em risco sua saúde para conseguir seu sustento. Por iniciativa do Professor João Tinôco Pereira Neto do Departamento de Engenharia Civil da UFV, em parceria com a Universidade, foi criada a usina de reciclagem que triava e revendia os materiais trazidos pelos catadores autônomos. Em 2006, parte dos catadores formalizaram a ACAT, Associação de Catadores de Materiais Recicláveis, e em 2008 os trabalhadores da usina formalizaram a ACAMARE, Associação dos Trabalhadores da Usina de Triagem e

¹ Confira no site: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/S5D00005.pdf>

Reciclagem de Viçosa. Cada catador, que sustenta a si próprio e sua família com seu esforço diário, possui uma história de vida única, com sua trajetória, dificuldades e barreiras pessoais.

Nas associações de catadores de Viçosa, ACAT e ACAMARE, encontram-se indivíduos de diversas origens, gêneros, em fases da vida distintas, com sonhos e ambições diferentes. Histórias que os destacam e definem suas personalidades singulares.

Uma grande reportagem expressando a invisibilidade na qual os catadores são postos é um dispositivo capaz de destacar a humanidade e importância desses profissionais, expondo seus desafios diários e relatando as batalhas já enfrentadas e ainda presentes para que eles possam contribuir com a sociedade de maneira imprescindível, contando também com outros entes sociais que trabalham pela causa da reciclagem e bem estar desses trabalhadores. Através dessa reportagem pretende-se ressaltar o papel dos catadores como cidadãos e parte indissociável da economia sustentável e conservação do meio ambiente.

2 Metodologia

Selecionar os profissionais que trabalham com reciclagem levando em conta uma maior diversidade de perfis, buscando variar a faixa etária, gênero, local de trabalho e tempo de profissão. Gravar uma entrevista em áudio onde o trabalhador conte sua história de vida pessoal da forma mais a vontade possível, iniciando pela infância e destacando cada detalhe que o trouxe até sua situação atual. As gravações serão transcritas e em seguida reescritas em textos literários narrativos. Para colaborar com a estrutura da reportagem serão produzidas fotografias com os catadores, o ambiente de trabalho, os materiais recicláveis e tudo que puder ilustrar o universo da reciclagem no setor desses profissionais.

Também serão entrevistados dois agentes sociais que trabalham ou já trabalharam pela causa dos catadores, para que se possa ter uma visão técnica sobre o cenário em que os catadores e a própria reciclagem se encontram.

Por fim, uma entrevista de uma autoridade pública que possa destacar as ações políticas sobre o tema e possa dar uma perspectiva de ações públicas relacionadas.

3 Justificativas

3.1 Justificativa Pessoal

Eu sempre tive grande apreço pelo meio ambiente e desde muito novo procurava respeitar e preservar a natureza. Uma fotografia da página de Facebook Pimp My Carroça, de um projeto que faz grafites em carroças de catadores de materiais recicláveis, com os dizeres “Um catador faz mais que um ministro do meio ambiente” me despertou para a importância do catador em si. Os catadores estão na linha de frente da preservação do meio ambiente. Então me senti motivado a contar as histórias de vida de alguns deles e alertar sobre a invisibilidade que tira o mérito de seu trabalho.

3.2 Justificativa geral

Em um momento que se discute tanto a manutenção do meio ambiente e a participação da sociedade, o catador de materiais recicláveis é peça fundamental nesse contexto. O catador é responsável por 90% da reciclagem no Brasil e seu trabalho está diretamente ligado à colaboração da sociedade (IPEA, 2013). Como a profissão ainda é invisibilizada, marginalizada e até hostilizada, há relevância em contar as histórias pessoais desses trabalhadores de forma que destaquem a individualidade de seus perfis e mostre a importância deles como parte da sociedade e assim entender o contexto social que os envolve.

A escolha do formato de grande reportagem se deve ao fato de poder cobrir uma gama maior de ângulos sobre questões complexas. A invisibilidade dos catadores é tanto uma questão social devido às origens de baixa renda dos protagonistas, mas também de política pública e cultural sobre o entendimento de gestão de meio ambiente e sustentabilidade, levando em conta as ordens de prioridade da população e seus representantes.

De acordo com Singer apud Souza, et al (2002) a coleta seletiva contribui significativamente para a sustentabilidade urbana, pois vem incorporando gradativamente um perfil de inclusão social e geração de renda para os setores mais carentes e excluídos da sociedade, sendo uma camada prioritária da sociedade, e por esta significância e impacto ambiental e social, o jornalismo humanitário vêm como recurso para oferecer uma voz a essa exclusão da importância dos catadores, é por meio das entrevistas realizadas para esse trabalho, que a comunicação pode ultrapassar a fronteira da objetividade jornalística e de forma mais profunda, entender o percurso de vida desses profissionais.

4 Referencial Teórico

Para todo o efeito, a reportagem é um apuração neutra dos fatos que irá conceber a

história de forma categórica, como define Pereira (2006):

O rigor na apuração de informações deve partir da premissa muito simples, nem sempre considerada: cada afirmação, de cada linha, só deve ser mantida depois de respaldada. Apurar pode resumir-se a um jogo de evidências confrontadas a outras (PEREIRA, 2006, p. 72).

É nesse meio que intercala não a subjetividade, mas o ângulo da matéria colaborado através de evidências. Quando confrontado e revisado, cada fato deve partir da conduta inviolável da verificação rotineira, seja por fontes confiáveis ou colaborações coletivas para uma determinada conclusão. Porém, é na própria visão do que deveria ser e do que é que Pereira (2006) justifica:

Como o jornalismo seria mais simples se houvesse algo como uma lógica informativa, um empirismo do imediato e do concreto a determinar a existência da notícia. Como tudo seria mais fácil se todas as evidências surgissem com as provas físicas [...], a mera aplicação de procedimentos rígidos garantisse a confiabilidade do processo, e a incerteza fosse, afinal de contas, o ponto de partida, não de chegada, da comprovação (PEREIRA, 2006, p. 75)

A complexidade de alguns casos e os “relatos duvidosos” ou incompletos, além de característicos da própria visão da testemunha, que pode levar a reportagens com furos e desvio de coerência, porém, nesse ínterim paradoxal, que se encontra o próprio ato de apurar os fatos, seja através da retórica e da necessidade de ter o público como horizonte, ou, a ética de “respeitar esse público e a realidade que se testemunhou para ele e a técnica exige que se trabalhe sobre o verificável” (PEREIRA, 2006, p. 75). No encontro dessa retórica e técnica, a obrigatoriedade do veículo jornalístico e do autor das referidas reportagens, deve-se haver ética e moralidade da divulgação e apuração dos fatos para com o público.

Quanto ao embasamento de fontes, é necessário sempre ter em mente a prioridade destas, a verificação exata do que é dito e “assegurado” por esses “cúmplices” da veracidade ou narrativa, sendo objetivos ou não, como expressa Pereira (2008):

Durante todo o processo de avaliação estratégica das fontes não pode sair do horizonte a obviedade nem sempre foi óbvia de que os fornecedores da informação são pessoas e instituições que defendem seus interesses acima de tudo (PEREIRA, 2006, p. 81).

É nesta incerteza sobre o que é dito, que o jornalista responsável deve seguir com critérios rigorosos de separar o que é e não verdadeiro. Na investigação constante, não se deve influenciar apenas pela fonte ser autoridade e pertencer a uma alta hierarquia, como expressa Schmitz (2011):

“De uma “fonte limpa” espera-se origem certa, segura; mediante informação insuspeita, autorizada. Igualmente “ir à fonte”, sugere dirigir-se a quem pode fornecer informações exatas sobre algo ou explicar a origem do fato. Isso se aplica ao jornalismo investigativo (SCHMITZ, 2011, p. 9).

Portanto, é através desse processo que as testemunhas, as fontes interferem e agem como intermediador do fato ocorrido, dialogando com a complexidade dessa relação entre jornalista, fatos e fontes:

Efetivamente, considerar que na gênese da produção noticiosa estão atores que interferem, condicionam ou de algum modo determinam o que é reproduzido pelos média sugere um quadro com alguma complexidade e que é composto por diversos patamares que se relacionam entre si. (BARRADAS, BONIXE e LAWY, ANO, p. 3)

Nesta citação encontra-se o princípio fundamental, bem como, a abordagem jornalística proposta neste artigo. No presente artigo, os relatos de cada entrevistado para dar origem a reportagem, foram sobreposta para dialogar e complexificar o tema escolhido, criando assim múltiplas facetas até a conclusão, mantendo distância das perspectivas de cada um, ao mesmo tempo que contextualizava com a invisibilidade dos catadores na sociedade atual.

Gaye Tuchman (1972) diz sobre a inseparável objetividade no trabalho jornalístico, como um mecanismo de proteção, para conceber níveis organizacionais rotineiros e é nessa proteção que Schmitz (2011) expressa “noticiar com a frieza da objetividade torna um conteúdo superficial e sem apelo”, é necessário ir além, ao “conhecimento das fontes”, aprofundando a apuração e humanizando a notícia.

Neste sentido, a reportagem apresentada neste trabalho, não pode ser mensurada através da objetiva nua e crua, mas da exploração dessa camada da sociedade que não tem apoio e voz, propondo assim, a recuperação definitiva da importância e do papel que cada catador tem na sociedade, bem como, no impacto em cada um dos integrantes desta.

No cenário da pandemia, tratar um tema social relatando a situação dos mais atingidos pela crise, remete ao jornalismo humanitário, gênero jornalístico pouco discutido, porém com uma enorme relevância social.

Assim como o jornalismo político, econômico, cultural ou esportivo, o jornalismo humanitário é uma especialização. Significa que os repórteres acompanham mais de perto os acontecimentos dessa área: conflitos armados, principalmente, mas também epidemias e desastres naturais. É muito comum que a área de jornalismo humanitário envolva também questões de direitos humanos, não diretamente relacionadas a conflitos armados, e desenvolvimento. (CARRANCA, 2014)

5 Revisão da Literatura

Talvez o papel dos catadores como educadores seja o rol mais importante. Justamente por esses trabalhadores manuseiam lixo e resíduos diariamente, por muitos anos, às vezes por toda a vida, aprendendo dos pais ou avós, é que estes são verdadeiros embaixadores ambientais (GONÇALVES-DIAS, SAKURAI e ZIGLIO, 2020, p.14) ³.

Como as autoras discorrem sobre o papel dos catadores, é evidenciá-los como um processo importante no nível organizacional, com conscientização da “extração, consumo e descarte” de cada produto jogado fora e é sobre essa importância que é necessário entender a invisibilidade desses trabalhadores.

A capacidade alarmante dos seres humanos de gerar resíduos sólidos, atrela-se à irresponsabilidade de descartá-los de modo alienante. Em entrevista de catadores realizada pelos autores Da Cruz, et al (2016) foi perguntado aos catadores, como eles achavam que eram vistos pelas pessoas, os catadores responderam que são vistos com indiferença e desprezo. Essa sensação de não ser digno apenas por manipular lixo, tornaram esses catadores a margem da maioria enquanto a invisibilidade social se tornou mais e mais presente. Porém, foi nessa invisibilidade que os catadores encontraram maneiras de se unir em prol da valorização do seu papel na sociedade, como expressa Sant’ana (2019):

Nesse período, catadores e catadoras organizaram um dos mais atuantes movimentos sociais do país, construíram canais de diálogo institucionalizados, conquistaram reconhecimento por meio de investimentos de recursos públicos em suas atividades e se transformaram em um dos principais agentes políticos e econômicos na agenda ambiental voltada ao incentivo à reciclagem (SANT’ANA, 2019, p. 2).

Na expressividade dessas ações, a invisibilidade social foi diminuída pela conscientização jornalística, mas continuou a mesma em grupos menores, principalmente, no contexto atual de pandemia onde a vulnerabilidade e descaso se torna pior, no Brasil, estima-se entre 800 mil e 1 milhão o total de trabalhadores na atividade de catação, segundo o Movimento Nacional dos Catadores de Recicláveis (MNCR).

Foi em 2013, que as atividades de catação passaram a ser registradas oficialmente. Em 2015 já foi disponibilizado pelo Ministério do Desenvolvimento Social que no CadÚnico 49.181 catadores já estão contabilizados, sendo que mais da metade recebe algum tipo de benefício social pelo trabalho não gerar renda suficiente. Como relata Sant’Ana (2019) “a informalidade da atividade e a sazonalidade da atuação de parte dos catadores dificultam a captação dessa atividade pelas pesquisas oficiais e pelo CadÚnico.”

No processo de construção de identidade dos catadores, é necessário antes analisar a importância da catação nas comunidades para depois subir a escala a nível de país. Nas entrevistas realizadas para o presente trabalho com os catadores Pedro Paulo de Souza e Dona Tereza Januária, é possível compreender essa construção e trajetória, as reflexões de cada caminho é aparente, além de ser possível notar o conflito e as lutas de cada decisão que a profissão de catação abriga e com isso, vêm se a responsabilidade e importância de destacar essa profissão e de falar sobre o tema, pois qualquer exclusão e invisibilidade da identidade de alguém com tamanha importância para o meio ambiente e para os indivíduos presente, deve ser combatida. Como explica as autoras Moraes e Pato (2011):

É importante salientar que o discurso agora está alicerçado na trajetória do grupo, na concepção do que é coletivo para este sujeito social. O diálogo passará a ser desencadeado entre o individual e o coletivo nas trajetórias de vida desses catadores de material reciclável, pontuando a esperança em iniciar a construção de uma nova identidade diferenciada da construída anteriormente. O catador, o movimento social, a comunidade e a cooperativa vão constituindo essa construção de identidade, a emancipatória (MORAES e PATO, 2011, p. 77).

Segundo as autoras, essa emancipação deve ser alcançada a partir do movimento social e dos níveis organizacionais que compõem a catação.

5.1 História dos catadores no Brasil

A história dos catadores no Brasil não tem um contexto específico, sendo remetido muitas vezes em poemas, por exemplo, “O Bicho” de Manuel Bandeira publicado em 1974, porém, não retrata os profissionais, mas sim desabrigados que reviram “lixo” em busca de alimento.

As primeiras experiências de organização de catadores de materiais recicláveis no Brasil iniciaram-se em meados da década de 1980, em Porto Alegre-RS, São Paulo- SP e Belo Horizonte-MG. Durante a década de 1990 e nos anos 2000, foram desenvolvidas várias experiências de cooperativas e associações de catadores no Brasil (PEREIRA, 2011 apud, SOUZA; SILVA; BARBOSA, 2014, p. 4).

Foi um desenvolvimento lento, a partir de associações com várias instituições e movimentos em prol do reconhecimento dessa profissão, a partir da criação do MNCR, o grupo se constitui e evoluiu para uma melhor qualidade de vida, além do reconhecimento e conquistas nos anos que se seguiram (SOUZA; SILVA; BARBOSA, 2014).

Algumas leis foram importantes para o melhoramento da catação, principalmente, em

materiais recicláveis, como cita Souza, Silva e Barbosa (2014):

Na perspectiva de garantir aos catadores de materiais recicláveis os resíduos descartáveis gerados pelas repartições públicas federais foi criado o decreto de Nº 5.940, em 25 de outubro de 2006, instituindo a separação dos resíduos recicláveis descartado pelos órgãos e entidades da administração pública federal direta ou indireta na fonte geradora e a sua destinação às associações e cooperativas de catadores de materiais recicláveis (SOUZA; SILVA; BARBOSA, 2014, p. 5).

A partir desse melhor apoio pelo Estado, a progressão na catação foi constante e o descarte mais conscientizado, além disso, pessoas que estavam em situação de rua e trabalhavam com catação foram integradas na Associação dos catadores de papel, papelão e material reaproveitável de Belo Horizonte (ASMARE), criada em 1990 (GONÇALVES; OLIVEIRA; SILVA, 2008). Foi dessa sistematização que surgiu uma maior organização, e por consequência, reivindicações trabalhistas.

Uma ação que auxiliou bastante na disseminação nacional dessa organização foi o lançamento do Fórum Nacional de Lixo e Cidadania, em 1998, coordenado pelo Fundo das Nações Unidas Para a Infância (UNICEF). Entre os desafios propostos pelo fórum, merece destaque a erradicação do trabalho infantil com o lixo em todo país, com o lançamento da campanha Criança no Lixo Nunca Mais. Esta iniciativa foi muito influenciada pela experiência entre a Associação dos Catadores de Papel, Papelão Material Reaproveitável de Belo Horizonte (ASMARE) e a prefeitura municipal de Belo Horizonte, que desenvolvia em parceria um pioneiro programa de coleta seletiva no município no início dos anos 1990 (IPEA, 2013 apud SOUZA; SILVA. BARBOSA, 2014, p. 5).

Em cada iniciativa se encontra o processo “emancipatório” que torna a comunidade dos catadores mais ativa, promovendo o empoderamento de cada trabalhador e erradicando a desigualdade social.

Portanto, o preconceito das outras pessoas em relação aos catadores, parte exclusivamente do fato de verem a atividade ser menos valorizada, ponto de serem condenadas, repudiadas e julgadas silenciosamente ou abertamente, como se fossem especificamente profissões para pessoas sem qualificação, profissões de baixa valorização, além de gerar repugnância pela função de manusear o lixo para procurar o reciclável (BUCH, 2015). É irônico que as poucas pessoas que têm conscientização e discernimento entre o reciclável e o que não é, sejam julgadas pelas que não entendem o amplo impacto que os catadores têm na vida cotidiana.

5.2 Descaso do papel do catador

Na tese defendida pela autora Bunch, as características socioeconômicas e demográficas foram levantadas para discorrer sobre os catadores e suas condições de trabalho, criando assim um conforme entre Idade, Gênero, Situação Conjugal, Escolaridade, Renda Familiar e Movimentos Sociais. Para se ter noções pré-estabelecidas, é possível criar um paralelo entre cada um desses fatores que está no cerne desse “viver de lixo”, dialogando assim com essa precariedade que acompanha os catadores dia após dia.

Mantendo o catador subordinado às condições deste mercado cruel das ruas em situação de extrema precariedade. Inserir-se nessa atividade significa coletar nas ruas, manusear o lixo separando-o por qualidade, enfardar, empilhar, transportar até o comprador e vender. A catação de recicláveis é considerada um trabalho, mas não um emprego, pois o catador autônomo não possui 75 qualquer tipo de apoio dos órgãos do governo, já que trabalha por conta própria. Como não há regularidade, nem manutenção de um valor fixo, o valor arrecadado por mês é muito baixo, não é suficiente para viver (SEVERO, 2008; SILVA, 2006 apud BUNCH, 2015, p. 75).

É nessa desvalorização contínua e o descaso de oportunidades melhores no mercado de trabalho, que a idade predominante desses trabalhadores é entre 20 a 40 anos, raramente chegando à aposentadoria, os dados do IBGE apresentados em 2010 apontavam uma renda média de R\$ 571,56 (IBGE, 2010). Porém, isto não corresponde à realidade da maioria dos catadores, que raramente conseguem ganhar esse valor. A possibilidade de melhorar e chegar pelo menos nesse patamar aponta para a inserção do trabalho do catador pelas empresas de reciclagem (BUCH, 2015).

6 Pré-produção

Devido às limitações que a pandemia de covid-19 impõe, somente a entrevista com o catador restante será feita presencialmente, as demais, com os especialistas e autoridade pública serão feitas via chamada de voz ou vídeo, utilizando plataformas digitais da preferência do entrevistado.

Serão entrevistados, no total, quatro catadores de materiais recicláveis, três deles para contarem suas trajetórias de vida até se tornarem os profissionais que são, e o último terá uma entrevista mais curta e específica. Já foram entrevistados três da cidade de Viçosa, Minas Gerais, são eles: Pedro Paulo de Souza, Silvana Nicácio Ramos e Tereza Januaria da Cruz. Os três catadores viçosenses foram entrevistados nos segundo semestre de 2019, através de diálogos informais, nos quais eles contaram suas histórias de vida desde a infância até suas

situações como catadores. As entrevistas tiveram de 40 a 60 minutos de duração em média e foram gravadas com microfones de lapela conectados a um smartphone. As entrevistas com Silvania Ramos e Dona Tereza foram gravadas na sede da ACAT, associação da qual as duas fazem parte. A entrevista com Pedro Paulo de Souza foi gravada na Praça Silviano Brandão, Paulinho, como prefere ser chamado, não é vinculado a nenhuma associação, trabalhando como autônomo.

As duas entrevistas restantes com catadores serão coletadas em Belo Horizonte. As entrevistas, assim como as anteriores, devem ter enfoque em questões chaves, que possam indicar a formação do catador e posição na sociedade, como constituição familiar, status financeiro e acesso à educação e bem-estar.

Agentes sociais com trabalhos relacionados aos catadores serão entrevistados um de cada cidade. De Viçosa, será entrevistada a Professora do curso de Ciências Sociais da UFV, Nádia Dutra, que é coordenadora do Projeto InterAção do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa. O Projeto InterAção auxilia as associações de catadores ACAT e ACAMARE, organizando ações e campanhas que promovem a coleta seletiva em Viçosa e cobram as autoridades públicas para assumirem suas responsabilidades nos Fóruns Municipais de Lixo e Cidadania que geralmente ocorrem uma vez por mês. Será colhida da professora informações sobre os papéis políticos sociais que as associações desempenham na cidade e qual a parte que os catadores desempenham nas questões de gestão de resíduos da cidade.

Para a segunda entrevista com um agente social, será entrevistado um representante do Projeto Pimp My Carroça. O projeto é uma ONG de alcance nacional que teve início fazendo arte em grafite nas carroças de catadores de materiais recicláveis e sucata para chamar a atenção para o trabalho dos profissionais. Já realizaram diversas campanhas solidárias, idealizaram o aplicativo para celular Cataki, que funciona para conectar o usuário que quer entregar um material ao catador, são parceiros de grandes marcas e têm reconhecimento de várias celebridades, como Gilberto Gil e Marcelo Taz.

Por fim, será feita uma entrevista com uma representante do poder público, a vereadora belorizontina Bella Gonçalves (PSOL). A vereadora foi co-autora, junto ao vereador Pedro Patrus (PT), de uma indicação ao prefeito Alexandre Kalil (PSD) requerendo que a coleta seletiva fosse incluída a lista de serviços essenciais da cidade e que a Secretaria Municipal de Saúde fornecesse capacitação e equipamentos de segurança para os catadores

durante o período de pandemia de covid-19. A assessoria de comunicação da vereadora demonstrou interesse e já repassou a solicitação para a equipe de gabinete.

6.1 Personagens

6.1.1 Catadores

Tereza Januária da Cruz ou Dona Tereza, 69 anos, natural de Teixeiras em Minas Gerais. Filha de José Apolinário da Cruz e Maria Catarina Dominga da Cruz. Viveu até os 13 anos na zona rural de Teixeiras, onde trabalhava desde os 7 anos na enxada. Se tornou mãe solteira em 1976 com 24 anos de idade, trabalhando de diarista até complementar sua renda com catação em 2000, de forma autônoma. Extensão da entrevista: 35m43s

Pedro Paulo de Souza, ou Paulinho, como gosta de ser chamado. Nasceu em 1970, em Estevão de Araújo, Minas Gerais. Porém, cresceu e criou-se em Viçosa. Aprendeu desde pequeno a trabalhar na roça, e embora as reviravoltas na sua vida foram muito, encontrou uma renda na catação, onde fica até 21h na rua trabalhando e consegue pagar as contas, contanto que esteja tudo contado. Extensão da entrevista: 1h16s.

Silvania Nicácio Ramos, nascida em 1962, foi criada pela avó Dona Terezinha Angelina Nicácio tendo a mãe biológica Maria de Fatima Nicácio como irmã e sem ajuda do pai. Começou a trabalhar aos 16, mas já ajudava como babá desde os 12 anos de idade. Trabalha atualmente na Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Viçosa (ACAT). Extensão da entrevista: 42m59s.

Warley Fernandes Ramos, 39 anos, trabalha recolhendo materiais recicláveis em Belo Horizonte, há mais de 15 anos. Após ser demitido de seu emprego formal, como sondador de solo, por falta de serviço durante a pandemia, a catação tornou-se sua atividade principal. Extensão da entrevista: 36m02s.

6.1.2 Vereadora

Bella Gonçalves (PSOL) se tornou vereadora em 2016 de Belo Horizonte. Foi eleita com a promessa de ampliar a coleta seletiva, dentre outras coisas. Natural de Belo Horizonte, Bella Gonçalves nasceu em 1988, tendo atualmente 32 anos. Extensão da entrevista: 37m28s.

6.1.3 Coordenador de Comunicação do Pimp My Carroça

João Bourroul é coordenador de comunicação do Pimp My Carroça², uma organização e movimento que visa a luta para tirar os catadores de materiais recicláveis da invisibilidade. Sendo coordenador há 2 anos e 10 meses, define os valores centrais do Pimp My Carroça como: Missão, Visão, Ética, Respeito, Experimentação e Sustentabilidade. Extensão da entrevista: 23m12s.

6.2 Coordenadora do Projeto InterAção

Nádia Dutra de Souza é professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa. O Projeto InterAção auxilia as associações de catadores de materiais recicláveis de Viçosa, ajudando a planejar campanhas e mobilizações em prol da coleta seletiva, formando parcerias com outras organizações como ITCP e defensoria pública e participando ativamente de debates políticos que envolvem as associações. Extensão da entrevista: 56m31s.

7 Produção

Como a ideia inicial do projeto era um livro reportagem contando as histórias de vida de catadores de materiais, a primeira coisa a ser feita foi selecionar e entrevistar os catadores em uma conversa informal, na qual se sentissem a vontade de contar detalhes de suas vidas desde a infância. Como em 2019 eu participava como voluntário do Projeto InterAção, um projeto de extensão do departamento de ciências sociais da UFV que trabalha junto às associações de catadores, foi fácil entrar em contato com os catadores. Quando procurei indicações de para entrevistar, por unanimidade me apontaram Dona Tereza, a mais antiga catadora da ACAT e mais velha entre eles. Dona Tereza aceitou prontamente meu convite, a senhora boa de papo contou detalhes de sua infância de mais de seis décadas passadas. Ao fim da entrevista fez questão de posar orgulhosa na frente de seu primeiro carrinho de coleta, o qual pretende manter como lembrança mesmo depois de se aposentar.

² O PIMP MY CARROÇA é um movimento que atua desde 2012 para tirar os catadores de materiais recicláveis da invisibilidade, além de visar o aumento de renda, por meio da arte, sensibilização, tecnologia e participação coletiva. Confira: <<https://pimpmycarroca.com/>>.

Para a segunda entrevista, tentei escalar alguém da outra associação de Viçosa, ACAMARE. Como integrante do InterAção, eu era mais inserido na ACAT do que na ACAMARE, e talvez por essa falta de familiaridade tive mais dificuldade em conseguir um voluntário. Depois de certa insistência, consegui que uma senhora aceitasse conversar comigo, mas logo vi que insistir não adiantava, pois ela acabou me dando as respostas mais escassas de informação possível dando a entender que não havia acontecido nada de relevante em sua vida, então tive que descartar a entrevista.

Uma das integrantes da ACAT com quem mais interagi durante meu trabalho pelo InterAção era Silvânia. Após uma reunião para discutir uma das mobilizações a convidei e ela aceitou de bom grado. Silvânia, do mesmo jeito que Dona Tereza, contou tudo que lembrava de sua vida com naturalidade e a entrevista fluiu com sucesso.

Para a terceira entrevista, queria alguém que não tivesse ligação com as associações, um catador autônomo. Foi difícil encontrar um disposto a ceder seu precioso tempo de trabalho para ficar de conversa com um estranho. Seu Paulinho, sendo muito generoso, foi quem aceitou tomar um café comigo. Nos sentamos à uma mesa da praça Silviano Brandão, onde Seu Paulinho contou inúmeros casos de sua vida.

No início do semestre acadêmico de 2020, quando eu daria continuidade ao projeto, o mundo foi tomado pelo “novo normal” trazido pela pandemia de covid-19. As incertezas quanto às características da doença e medidas de segurança a serem tomadas imobilizaram tudo. Meu trabalho entrou de quarentena junto a UFV que parou completamente de início. Ao final do semestre que nem ocorreu, minha então orientadora Eugene Francklin teve seu contrato temporário com a UFV vencido e teve que deixar de me orientar. A pandemia não acabou, mas a universidade retornou as atividades a distância e eu tive que retomar meu projeto também. O professor Ricardo Duarte aceitou assumir minha orientação e me ajudou a reorganizar e adaptar meu projeto às novas conjunturas. Com a impossibilidade do meu retorno a Viçosa para fazer novas entrevistas com mais catadores, mudamos o formato do trabalho para uma grande reportagem tendo como tema central a invisibilidade dos catadores na sociedade, incluindo um panorama de como a pandemia afetou a vida dessa classe trabalhadora e associando os dados investigados às biografias já coletadas.

Para a nova proposta de grande reportagem, foi necessário novas qualidades de fontes, dois personagens com qualificação técnica que trabalhassem associados aos catadores e um agente público ligado à causa dos mesmos. Para cobrir o panorama da pandemia a partir do

ponto de vista de um catador foi necessário buscar o relato pontual de um catador sobre o assunto.

O primeiro agente técnico entrevistado foi o coordenador de comunicação da ONG Pimp My Carroça, projeto o qual trabalha diretamente no combate à invisibilidade dos catadores. A pandemia trouxe algumas limitações, mas por outro lado, possibilitou que o coordenador me cedesse a entrevista virtualmente lá de São Paulo Capital, como é natural atualmente.

A segunda agente técnica foi a coordenadora do Projeto InterAção do qual fiz parte durante o início do meu trabalho. Ela me cedeu a entrevista via aplicativo Zoom, lá de Viçosa

Para minha última entrevista, não tive como evitar o método antigo. Saí de máscara procurando algum catador disposto a conversar comigo sobre as mudanças na rotina de trabalho e mesmo na vida pessoal durante a pandemia. Foi difícil encontrar um disponível, já que para eles, cada minuto parado é material que deixa de ser coletado. Enquanto eu caminhava pelas ruas do bairro Horto de Belo Horizonte, perto da avenida Andradas, onde muitos carroceiros trafegam, vi um grande amontoado de materiais reciclados organizados numa calçada. Perguntei aos transeuntes a quem pertencia aquele depósito irregular e me informaram que era do morador da casa à frente e até o chamaram para mim. Warley Matos me recebeu e aceitou ser entrevistado de prontidão. A entrevista que devia ser pontual sobre as questões da pandemia rendeu por quase 40 minutos. Pessoalmente foi a entrevista mais impactante.

Com todas as entrevistas gravadas, iniciei o processo de decupagem para em seguida redigir a grande reportagem. Escolhi uma estrutura mais linear para a montagem do texto. Iniciando com uma ambientação sobre sustentabilidade e a importância da reciclagem, e então demonstrando que os catadores sempre tiveram uma ligação direta primordial nesse processo. Em seguida apresento uma explicação sobre a invisibilidade social que atinge os profissionais da reciclagem, com o embasamento das agentes sociais Nádia Dutra e Bella Gonçalves. Não havia como deixar de fora as questões trazidas pela pandemia de fora, então tracei um panorama de como as mudanças de hábito afetaram o setor de reciclagem e como o poder público reagiu. Expus o caso de um catador da capital e suas opiniões quanto ao assunto. Para finalizar a parte da reportagem, é apresentada uma alternativa contra a invisibilidade, que é a proposta da ONG Pimp My Carroça de usar arte para dar destaque às carroças dos catadores. O parágrafo final conecta a grande reportagem às mini biografias dos três catadores, as quais foram organizadas apenas pela ordem cronológica da realização das entrevistas.

As fotografias foram adicionadas por último para arrematar com a diagramação do texto. As figuras 1, 2, 3 e 6 são fotografias de minha autoria, as 4 e 5 foram retiradas do site da ONG Pimp My Carroça, a 7 foi cedida do acervo do Projeto InterAção. Infelizmente, com a troca de equipamentos, como celular e computador, no último ano, acabei perdendo os registros fotográficos do catador Paulinho, e como uma viagem para Viçosa para tentar tirar outras fotos seria inviável no momento, não será possível exibir a imagem do catador autônomo.

8 Considerações Finais

A Grande Reportagem com seu maior detalhamento, aprofundamento e variedade de fontes, permite uma visão holística sobre um assunto complexo que envolve muitos fatores distintos. A possibilidade de uma construção de raciocínio mais atenciosa faz com que o leitor faça uma imersão nos dilemas e ambiente apresentados. No caso da invisibilidade dos catadores de materiais recicláveis, a grande reportagem trazendo em sintonia as histórias de vida destes profissionais, gera um detalhamento mais personalista, possibilitando uma maior empatia com esses indivíduos. Sendo que a empatia é algo primordial para atacar o problema da invisibilidade, atingindo melhor os objetivos propostos na abordagem da matéria.

Todo o processo de produção da reportagem é também um processo de aprendizagem. A imersão que o jornalista tem nos ambientes abordados cria uma experiência única, a qual ele tenta passar para o público, a sintetizando ao máximo através do texto. Por isso, a intenção do jornalista deve ser de total entrega.

Referencial Bibliográfico

VIOLA, Eduardo J. Omovimento Ecológico no Brasil (1974-1986): Do Ambientalismo à Ecopolítica <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/S5D00005.pdf>

BUCH, Helena, E. R. Catadores de retornáveis (Lixo) e (in)visibilidade social: dimensões psicossociais e educativas. 2015. p. 1-154. (Programa de Pós - Graduação em Educação, na Linha de Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

CARRANCA, Adriana. **O que é jornalismo humanitário?** 2014. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/blogs/adriana-carranca/o-que-e-jornalismo-humanitario/Ad>>.

DA CRUZ, L. C. FERNANDA, C; CRISTINA, K; ALINE, L; RODRIGUES, M. Catadores: inclusão social e visibilidade local, In: VII Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental, Campina Grande, p. 1-5, 2016.

GONÇALVES, J. A.; OLIVEIRA, F.G.; SILVA, D. T.A. Dezoito anos catando papel em Belo Horizonte. Revista Estudos Avançados, São Paulo, v.22, n.63, p. 231-238, 2008.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa nacional de saneamento básico – 2008. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Os que sobrevivem do lixo. v.10, n.77, 7 out. 10/2013.

MONTEIRO, C. D. S. Jornalismo investigativo: o fato por trás da notícia. São Paulo, Summus Editorial, 2005.

MORAES, C; PATO, C. Educação ambiental no processo de organização social dos catadores de material reciclável: possibilidade de empoderamento.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006.

PEREIRA, Maria Cecília Gomes; TEIXEIRA Marco Antonio. A inclusão de catadores em programas de coleta seletiva: da agenda local à nacional. Cad. EBAPE.BR, v. 9, nº 3, artigo 10, Rio de Janeiro, Set. 2011.p.895-913.

SEVERO, R. G. Catadores de materiais recicláveis da cidade de Pelotas: situações de trabalho. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2008.

SILVA, Marcelo Cozzensada. Trabalho e saúde dos catadores de materiais recicláveis em uma cidade do sul do Brasil. Universidade Federal de Pelotas. Faculdade de Medicina Programa de Pós- Graduação em Epidemiologia. Tese de Doutorado. Pelotas.2006.

SINGER, P. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. In: SANTOS, B. S. (Org). Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2002. p. 81-126 .

SOUZA, Maria; SILVA, Monica; BARBOSA, Maria. Os catadores de materiais recicláveis e sua luta

pela inclusão e reconhecimento social no período de 1980 a 2013. 2014. , p.3998-4010. Monografia - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

SANT'ANA, D. de . Saindo da invisibilidade: as lutas e conquistas dos catadores de materiais recicláveis entre 2001 e 2016. *Indisciplinar, [S. l.]*, v. 5, n. 2, p. 58–81, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/29759>. Acesso em: 24 mar. 2021.

SCHMITZ, Aldo. Fontes de notícias: ações e estratégias da fonte no jornalismo. Florianópolis: Editora Combook, 2011.

TUCHMAN, Gaye. Objectivity as strategic ritual: an examination on newsmen's notions of objectivity. *American Journal of Sociology*, Chicago, v, 77, n.4, p.660-679, 1972.

LAYRARGUES, Philippe Pomier O CINISMO DA RECICLAGEM: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. <https://www.researchgate.net/publication/237655129>, 2002.